

Diversão e Música: Atividades Musicais práticas no Ensino Fundamental I

Comunicação

João Vitor Farias Martins
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará
joao.farias04@aluno.ifce.edu.br

Bruno Caldeira
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará
bruno.caldeira@ifce.edu.br

Pedro Rogério Sousa da Silva
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará
pedro.rogerio@ifce.edu.br

Resumo: Essa comunicação é um relato de experiência de estágio realizado na educação básica, no ensino fundamental I. Este relato se baseia na realidade docente de um estagiário do curso de Licenciatura em Música no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), *campus* Limoeiro do Norte, que realizou observações e regências no âmbito da disciplina de Arte numa escola municipal na cidade de Russas. Este trabalho se propõe a apresentar como funciona a disciplina de estágio supervisionado na licenciatura em música do IFCE *campus* Limoeiro do Norte e sua importância para a formação docente. Busca apresentar como a música é contextualizada na disciplina de arte no ensino fundamental I, bem como apresentar características da escola onde ocorreu a prática e a reação da turma às aulas de música. Além disso, apresenta a realidade musical nas escolas públicas de Russas, junto a uma reflexão de como os alunos e a comunidade escolar têm enxergado a música no ambiente educacional. Por fim, propõe reflexões e intervenções para a participação mais ativa da música na educação.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado. Ensino Fundamental. Educação Musical.

Introdução

Este trabalho relata vivências da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado III da licenciatura em música do IFCE *campus* Limoeiro do Norte, realizado no ensino fundamental I. O estágio em questão ocorreu na Escola CAIC Francisco Agaci Fernandes Sobral - Ceará | Universidade Federal do Ceará

da Silva, na cidade de Russas-CE, e permitiu a observação, ação e reflexão das ações docentes da professora supervisora, que aconteceram durante o período de estágio.

Segundo Pimenta e Lima (2004), o estágio é o eixo central na formação de professores, pois é através dele que o profissional conhece aspectos indispensáveis para a formação da construção da identidade e dos saberes docentes no dia a dia. A função do estágio, de acordo com essas autoras, é proporcionar a experiência de levar o aluno (estagiário) a relacionar a teoria apresentada na faculdade à prática educacional (escola). Assim, o estágio acaba por ser um momento em que ocorre a ampliação da visão do discente para a docência, ajudando a construir sua identidade profissional, com um novo olhar sobre o ensino, neste caso sobre o ensino da música na escola, durante o processo de formação humana.

O Estágio Supervisionado, além de obrigatório para a conclusão do curso, é considerado essencial à formação inicial docente, como citado por Pimenta e Lima (2004). Ao final da disciplina, no âmbito da licenciatura em música do IFCE *campus* Limoeiro do Norte, é exigida a elaboração de um relatório, portfólio ou, nesse caso, um artigo científico, baseado no relato das experiências das etapas de observação e regência, assim como o planejamento das aulas e conteúdo programático, desenvolvidos durante o período de estágio.

A aproximação entre a instituição de ensino superior e a escola aconteceu por meio da visita do aluno de estágio à escola, para acordar a possibilidade e aceite do estagiário, como também a escolha de uma turma do Ensino Fundamental I – 5º ano ‘A’ com o total de 28 alunos, 14 meninos e 14 meninas.

Durante o período de estágio, foram realizadas conversas com a professora supervisora, a coordenação, leituras e observações que permitiram a construção deste trabalho. As informações coletadas e transcritas aqui seguiram uma roteirização, a fim de que fosse possível identificar os pontos mais relevantes para os registros e análises, de acordo com a realidade do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola e de seu contexto.

O objetivo deste artigo é descrever as propostas e práticas pedagógicas realizadas nesse estágio da Licenciatura em Música no Ensino Fundamental I e abrir reflexões e discussões sobre os processos do estágio no campo da música, essenciais na formação dos futuros docentes.

Legislação sobre o ensino de música no Brasil

Em 2008, foi promulgada a lei 11.769, tornando a música parte do conteúdo obrigatório da disciplina de arte. Com a inclusão, o ensino da arte recebeu um novo “detalhe”, no qual a música passa a ser componente obrigatório, porém não exclusivo, mantendo ainda as demais artes no currículo.

Nesse contexto,

para ser professor de música nas atividades curriculares era necessário ter licenciatura em música. De qualquer maneira, esta lógica não vem sendo aplicada em diversos contextos educacionais, onde professores são desviados de função para cumprimento de carga horária, ou professores de artes polivalentes assumem também a docência em música (FIGUEIREDO, 2021, p. 147).

Em 2016, foram homologadas as diretrizes da Lei 11.769/08, contudo, a lei que estava em vigor já era a Lei 13.278/16 de 2 maio de 2016, substituindo-a e alterando mais uma vez o artigo 26 da LDB de 1996 e estabelecendo as artes visuais, a dança, a música e o teatro como constituintes do componente curricular arte. Desta forma, as diretrizes perdem sua força perante a lei, se tornando não obrigatórias para os profissionais da área (FIGUEIREDO, 2021). Novamente, a prática polivalente da década de 1970, continua a ser replicada nas escolas, sem que haja especificação de um profissional habilitado para atuar de forma específica (FIGUEIREDO, 2021). Se considerarmos todas as alterações feitas na LDB, o ensino polivalente deveria ter se extinguido, porém, não é o que ocorre na prática nas escolas de ensino regular por todo o país.

Assim, mesmo após tantos movimentos e lutas por parte da classe artística, a polivalência se mantém, mesmo que encoberta em meio a tantas alterações. Em muitos casos, o profissional que atua na disciplina arte sequer tem formação artística em uma das quatro áreas (artes visuais, dança, música e teatro), sendo essa mais uma ineficiência na educação artística brasileira.

Música na educação básica

No Brasil, o ensino de música nas escolas é uma política pública regulamentada pela lei 13.278/2016, que concebe não só a música como conteúdo obrigatório do

30 de outubro a 01 de novembro de 2024
Sobral - Ceará | Universidade Federal do Ceará



www.abem.mus.br

componente curricular de arte para a educação básica, mas também, as artes visuais, a dança e o teatro.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), o ensino fundamental é a etapa mais longa da educação básica, com nove anos de duração, atendendo estudantes entre 6 e 14 anos, em média. Ao longo desse período, os alunos passam por uma série de mudanças relacionadas a aspectos físicos, cognitivos, afetivos, sociais, emocionais, entre outros.

[...] Essas mudanças impõem desafios à elaboração de currículos para essa etapa de escolarização, de modo a superar as rupturas que ocorrem na passagem não somente entre as etapas da Educação Básica, mas também entre as duas fases do Ensino Fundamental: Anos Iniciais e Anos Finais (BRASIL, 2018, p. 57).

A música oferece muitos benefícios ao desenvolvimento da criança e à aprendizagem. Ela permeia a sociedade, estando presente em escolas, ONG 's, projetos sociais e demais instituições de ensino. Para Bréscia (2003, p 81) “[...] o aprendizado de música além de favorecer o desenvolvimento afetivo da criança, amplia a atividade cerebral, melhora o desempenho escolar dos alunos e contribui para integrar socialmente o indivíduo”.

Brito (2003) afirma que o estímulo que a música provoca nas crianças contribui para que o conhecimento caminhe de uma forma mais divertida. Passando a ter mais criatividade, facilidade ao se expressar e descobrir a comunicação social, que dentro das instituições de ensino o interesse pela aprendizagem aumenta cada vez mais.

O estágio supervisionado

Segundo Bianchi et al. (2005), o Estágio Supervisionado é uma experiência em que o graduando mostra sua criatividade, independência e estilo de trabalho ao mesmo tempo em que percebe se a escolha de sua profissão corresponde às suas expectativas. Assim, devemos lembrar a importância do estágio para a formação dos licenciandos nas mais diversas áreas, de forma que o estágio se torne um momento de aprendizado, desenvolvimento, análise, prática e teoria.

Nesta perspectiva, Pimenta (2004) nos aponta que ao
30 de outubro a 01 de novembro de 2024
Sobral - Ceará | Universidade Federal do Ceará

estágio dos cursos de formação de professores, compete possibilitar que os futuros professores compreendam a complexidade das práticas institucionais e das ações aí praticadas por seus profissionais como alternativa no preparo para sua inserção profissional (PIMENTA, 2004, p.43).

Portanto, o estágio se consolida como uma oportunidade de vivenciar tudo aquilo que aprendemos em sala de aula, refletir e escolher as atividades práticas a serem aplicadas com os alunos. Além de aprimorar as diversas formas de agir em determinadas situações com crianças na educação infantil.

De mesma forma, Pires (2021) afirma que o estágio supervisionado é o espaço de aprendizagem da docência, que se dá por meio da interação com a cultura escolar e com os professores em ação, por meio da observação, análise, organização, realização e reflexão de práticas de ensino de música, orientadas por professores da universidade e da escola de educação básica.

Pires (2021) ressalta ainda que

apesar de haver atividades de observação do espaço escolar e da sala de aula, os licenciandos apresentam dificuldade de problematizar e relacionar a estrutura ao funcionamento da escola, ou o projeto pedagógico da escola às propostas de ensino de música (PIRES, 2021, p. 263).

A autora aponta que os alunos possuem um desconhecimento da construção dos processos de ensino e aprendizagem, de estratégias de gestão da classe e gestão dos aprendizados por parte da maioria dos licenciados em música. Segundo Pires (2021), isso pode ser devido ao pensamento enraizado a respeito de que ensinar música é ensinar a tocar um instrumento, ou somente abordar a teoria, que para ensinar música basta saber sobre música e que a aula de música é um improviso pedagógico.

Logo, é durante a disciplina de estágio que os licenciandos terão contato com aulas de música para turmas da educação básica; e que aprenderão sobre os processos de aprendizagem, estratégias de classe, desenvolvimento docente e realidade da área artística nas escolas de educação pública ou privada

O ambiente escolar

A escola onde se desenvolveu o estágio foi a Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental CAIC - Francisco Agaci Fernandes Da Silva, uma instituição ligada hoje à Prefeitura Municipal de Russas, município que tem total responsabilidade pelo sistema educacional, financeiro, alimentício, das condições físicas e segurança da escola.

Atualmente, na escola, há turmas em que o ensino integral foi implementado. Essas turmas são chamadas de turmas de transição e são os quintos e nonos anos, que ficam na escola em horário integral de segunda-feira a quinta-feira. Na sexta-feira estudam somente durante o horário da manhã.

A responsabilidade e pressão sobre essas turmas de transição é enorme, pois esses alunos representam a escola na realização de exames externos. Esses exames são fundamentais quando se trata de adquirir recursos e ranquear as melhores escolas, mas pouco refletem o ensino e aprendizagem realizados ali. A conduta da instituição de priorizar as disciplinas que são objeto de avaliações externas pode fazer com que os alunos apresentem um déficit nas demais áreas. Por exemplo, enquanto há cinco aulas de português e matemática semanais, há apenas uma aula de arte e pode ser que isso acabe tendo um reflexo na importância dada tanto pela escola quanto pelos alunos para as aulas de conhecimento artístico.

Observação das aulas de arte: diversão ou não?

Os conteúdos e atividades a serem aplicadas a todas as séries e disciplinas são definidos e desenvolvidos por grupos de professores da cidade de Russas. Cada grupo fica responsável por uma área específica e, dessa forma, todas as escolas têm conteúdos padronizados, por série, turma e disciplina. Tal atividade facilita o trabalho dos professores e agiliza a realização do planejamento das aulas, porém, ao pensarmos que cada turma tem suas próprias características e particularidades, além de contextos escolares diferentes, haverá atividades que não irão se adequar a determinadas turmas, sendo necessária a reformulação ou mudança da atividade.

Da mesma forma, a ação descrita no parágrafo anterior retira do professor sua autonomia e criatividade para realizar atividades, pois o mesmo tem de trabalhar um

30 de outubro a 01 de novembro de 2024
Sobral - Ceará | Universidade Federal do Ceará



conteúdo pré-estabelecido e imposto pela coordenação e pela secretaria de educação. É importante ressaltar que os professores que definem essas atividades têm uma formação diferente da área de arte/música, sendo em sua maioria pedagogos.

Todas as aulas de arte observadas, tinham tarefas genéricas de pintar e colorir, como um momento de descontração, relaxamento ou passatempo, provavelmente pela facilidade de criação dos planos e realização das atividades. A turma não tinha consideração por essas aulas como algo primordial, provavelmente pelo grau de não importância dado a essa disciplina pelo próprio sistema escolar.

Em algumas aulas, a professora desenvolvia técnicas de pintura, como pontilhismo e monocromia, além de trabalhar dias temáticos, como o dia internacional das mulheres, dia da escola e o dia mundial da água. Entretanto, essas atividades não tinham uma finalidade artística ou musical, eram apenas uma forma de passar o tempo e/ou produzir algo “bonito”.

Devido à formação específica da professora supervisora ser na área da pedagogia, as aulas de arte não possuem um planejamento estruturado a seguir, com a falta de conteúdos pertinentes e sem conexão uns com os outros, em que a turma não tem um desenvolvimento de conhecimento na área de arte. Dessa forma, a visão que a turma levará dessas aulas e da arte será a dessa disciplina como algo bobo ou até sem importância.

Durante o processo de observação, fiz alguns questionamentos de forma reflexiva, pertinentes a estas aulas: Por que não há aulas de música? A escola tem algum instrumento musical? As crianças são motivadas e incentivadas a procurar atividades artísticas? Há interesse das crianças no aprendizado musical? Alguma dessas crianças teve ou tem contato com alguma atividade artística ou musical?

Concepção das atividades de regência

Com base nos dados colhidos durante o período de observação, criei um cronograma de desenvolvimento das atividades para o período de regência, focado em aulas com uma média de tempo de 45 a 50 minutos, em uma turma de até 30 alunos.

O cronograma, também presente no projeto de ensino, serviu de base para realizar e ver o desenvolvimento da turma quanto aos conteúdos apresentados. Dessa forma, o mesmo estava aberto a sofrer mudanças no decorrer das aulas, conforme o

30 de outubro a 01 de novembro de 2024
Sobral - Ceará | Universidade Federal do Ceará

calendário escolar, desenvolvimento da turma, desenvolvimento das aulas e tempo proposto, (a ideia inicial era realizar 10 encontros).

Quadro 1: Cronograma e conteúdos das atividades musicais

DATAS	CONTEÚDOS
19/04	Roda de conversa sobre som e música (utilização da escaleta) + apresentação das aulas de Música.
24/04	A utilização do corpo na música, exemplos de movimentos corporais em uma dinâmica (Jogo do TUM PÁ).
26/04	Teoria: Falar sobre timbre e relacionar à percussão corporal.
03/05	Atividade Rítmica: Telefone árabe musical.
15/05	Atividade Rítmica: TIC TIC TAC PLOC PLOC.
22/05	Teoria: Musical Corporal + Atividade Prática (Criando Combinações).
29/05	Apresentar o gênero baião (utilização do zabumba) + ritmo corporal.
05/06	Trabalhar o gênero baião (Música Asa Branca) + variação do ritmo corporal.
07/06	Apresentar o gênero Xote (utilização do zabumba) + Ritmo Corporal .
12/06	Trabalhar o gênero xote (música Pé de Lata) + variação do ritmo corporal.

O foco principal dessas atividades era a introdução de conhecimentos musicais básicos, como ritmo, timbre, pulsação, intensidade, duração, altura e a percussão corporal, ferramenta-chave para o desenvolvimento das atividades, tornando as aulas mais dinâmicas e divertidas, abrangendo uma gama de possibilidades para realização das atividades. Além disso, a introdução de gêneros musicais nordestinos, como o xote e o baião, foi uma forma de trazer elementos da cultura local, pouco trabalhada nas escolas em geral.

Realização das regências e trabalho com a percussão corporal

Ao observarmos a realidade das escolas de ensino regular do município de Russas, nos deparamos com uma situação em que não se tem atividades musicais nas aulas de arte, sendo as atividades musicais muitas vezes feitas no contraturno e fora da rotina dos alunos. Nesse sentido, ao pensar em trabalhar em algo prático, acessível e divertido, o tema escolhido foi percussão corporal, pela praticidade de se fazer música com o corpo.

30 de outubro a 01 de novembro de 2024
Sobral - Ceará | Universidade Federal do Ceará



www.abem.mus.br

As primeiras aulas foram planejadas com o objetivo de fazer uma introdução da turma à música, reconhecendo a música como um dos quatro campos da arte e baseando-se no livro “Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança”, da professora Teca Alencar de Brito. Em um primeiro momento fiz algumas indagações à turma: o que é música para eles? Para que serve a música? Qual tipo de música eles escutam? Ao ouvir estas canções, o que sentem? Ao falar sobre música, a turma fez relações com diversão, brincadeiras e sentimentos, dando pouca importância a conhecimentos técnicos ou profissionais.

Durante essas aulas iniciais, trabalhei os parâmetros do som: altura, intensidade, duração e timbre, e da música, melodia, harmonia, altura e ritmo, utilizando a escaleta como instrumento auxiliar. A turma teve facilidade em reconhecer e relacionar os tipos de sons, timbres, intensidades e alturas diferentes. Mesmo os que nunca tiveram contato com a aula de música conseguiram realizar com facilidade as atividades introdutórias.

Após isso, questionei a respeito de quais instrumentos os alunos conheciam e eles acabaram citando instrumentos mais conhecidos, como piano, violão, bateria, tambor e até mesmo instrumentos mais regionais, como sanfona ou acordeão.

Em outro momento, relacionando os instrumentos de percussão a onomatopeias que seus sons produzem e aos sons produzidos por partes do corpo, escolhi sílabas como TUM, PÁ e TCHI¹, para sons graves, médios e agudos, respectivamente, utilizando sempre o corpo como referência para internalizar esses

Em uma das atividades desenvolvidas, ao pedir para a turma ouvir a música “*We will rock you*”, da banda *Queen*, eles logo quiseram reproduzir a célula rítmica da bateria, seja batendo nas mesas com as canetas, batendo os pés no chão ou batendo palmas, reconhecendo e percebendo o ritmo, mesmo de uma forma tímida. Em seguida, utilizando comandos de pés e mãos para acompanhar o ritmo, primeiro sem a música e posteriormente com ela, percebeu-se que os alunos apresentaram facilidade, decorando facilmente o padrão, se mantendo bastante confiantes e alegres ao realizar a atividade.

¹ Termos utilizados pelo Grupo Barbatuques, em um jogo chamado de Tum Pá, que têm como proposta essencial utilizar o corpo como instrumento musical, que produz música a partir de efeitos de voz, palmas, estalos, batidas, mãos e pés em sintonia. (BARBATUQUES).

Após a quarta aula, começaram a existir reclamações e cobranças quanto a escrever nas aulas de arte, por parte dos alunos, como se as práticas musicais realizadas não fossem algo importante. A professora supervisora costumava dizer: “aqui, as aulas de arte são para relaxamento” e parece que realmente tal pensamento está enraizado na turma, já que eles viam o momento de arte como uma maneira de passar o tempo.

Já na aula de número cinco, a turma parecia bem pouco à vontade para realizar e participar da aula, reclamando e perguntando se iríamos continuar a fazer música com o corpo, fazendo pedidos para pintar ou até mesmo não fazer nada. Após essa aula, a preocupação quanto ao interesse deles para os conhecimentos artísticos veio à tona, pois muitos veem a aula de arte ainda como sendo algo sem importância ou fácil. Após essa aula, a estratégia foi mudada, partindo para algo ligado ao seu dia a dia nas aulas de arte.

Para pegar a turma de surpresa, foi planejada uma aula diferente, apresentando imagens de objetos distintos, instrumentos e utensílios comuns de casa. Pedi para que reconhecessem esses materiais e, aos poucos, era perguntado quais desses poderiam ser utilizados para fazer música. Nesse momento, a turma se dividiu, reconhecendo todos os materiais (ou instrumentos) ou somente alguns, como possíveis de serem utilizados para fazer música. No segundo momento, pedi que escutassem sons e ligassem esses às imagens; ao final, a turma se surpreendeu com as possibilidades de fazer música, com copos, talheres, caixas de fósforos e até pentes.

Após essa aula, houve uma aproximação maior com a turma, pois sempre ao chegar no horário da aula de arte, eles comemoravam, indo até mim, chegando a querer até mesmo um abraço. Comecei a me questionar se isso se deu por conta da aula em si, dos conteúdos, da metodologia aplicada ou do momento mais “tranquilo” e sem a pressão de sempre se manter em silêncio, já que nas aulas de arte, eles deveriam participar, sempre criando, testando, ouvindo e compartilhando os conhecimentos prévios, sobre a música do dia a dia, instrumentos que conheciam, etc.

Nas aulas seguintes, o jogo “Tum Pá”², do grupo Barbatuques, foi reutilizado, porém agora utilizando a tablatura corporal³ (figura 1) (BARBA, 2013), criada também pelos Barbatuques. A turma, então, teve seu primeiro contato com algum tipo de leitura musical. O uso de uma partitura não convencional, de certa forma, os desafiou a entender e a executar o ritmo escrito. No fim da aula, propus uma atividade, chamada telefone árabe musical: sentados em filas, por meio de “batidas” nas costas do colega da frente, era executado um ritmo e este tinha de ser passado até o primeiro da fila.

Figura 1: Partitura não convencional da percussão corporal

perna		●		●
palma			●	
peito	●			

Fonte: Barba (2013)

Após uma diversidade de aulas focada em desenvolver a sensibilidade musical, o pulso e o ritmo da turma, chegará o momento de introduzir a questão dos ritmos regionais nordestinos. Nessa atividade, a turma poderia sozinha ouvir e reconhecer qual ritmo estava sendo ouvido. Os gêneros musicais escolhidos foram o Xaxado, o Maracatu, o Xote e o Baião, por sua diversidade de músicas escritas e pelas suas características rítmicas. Além disso, a data, que se aproximava das festividades do São João, foi outra opção para justificar para a turma do porquê estudar esses ritmos.

Algumas das músicas utilizadas para trabalhar cada gênero foram “Espumas ao Vento” de Fagner, “Eu e Você” de Mestrinho, “Maracatu” de Alceu Valença, “Xaxado” de

² O Jogo “Tum Pá”, estimula na criança a escuta atenta, coordenação motora, criatividade, cooperação com o grupo e, principalmente, ajuda a desenvolver sons com o próprio corpo. Ao som do CD do grupo barbatuques de mesmo nome, podemos realizar atividades junto a esses sons.

³ A tablatura corporal é uma representação gráfica para indicar uma sequência de sons e movimentos do corpo. Ela deve ser lida da esquerda para a direita, como na escrita musical convencional. Cada caixa indica um tempo do compasso. Os quadrados internos indicam as subdivisões desse tempo. A parte do corpo a ser tocada está indicada à esquerda da tablatura com uma bolinha dentro do respectivo quadrado (BARBA, 2013).

Luiz Gonzaga e “Baião” também de Luiz Gonzaga. Para trabalhar esses gêneros, contei um breve resumo dos mesmos, falando sobre sua criação, características e, em seguida, seu ritmo percussivo foi demonstrado utilizando o corpo. Sempre ao ouvir as músicas, a turma dizia achar parecido com o forró, outro ritmo regional. Porém, foi demonstrado que cada gênero tem o seu ritmo próprio, se diferenciando uns dos outros.

Refletindo sobre todas as aulas anteriores, foi decidida a criação de uma avaliação final, com um resumo básico de todos os conteúdos trabalhados: a turma faria individualmente e posteriormente essa atividade seria corrigida em conjunto. Os alunos ainda teriam acesso ao caderno, usando tudo que eles escreveram durante as aulas e todo o conhecimento que adquiriram. Lembrando que essa atividade não foi elaborada com a finalidade de medir os conhecimentos dos alunos sobre o que foi trabalhado no estágio, mas sim como uma forma de fixar o máximo possível tais conteúdos.

Para essa “avaliação”, desenvolvi questões em que a turma deveria explorar conteúdos relacionados às qualidades do som, timbre, intensidade, altura e duração; relembrar quais os elementos básicos da música; identificar timbres das partes do corpo, utilizando a música “Que som?”, do grupo Barbatuques, criação de um ritmo simples utilizando as onomatopeias e relembrar quais os gêneros nordestinos trabalhados e quais os instrumentos utilizados nesses ritmos. Algumas questões eram de escuta, nas quais eles iriam ouvir a música e escrever quais partes do corpo estavam sendo utilizadas para tirar aqueles sons.

Considerações finais

A presença dos estágios em todos os níveis da educação básica, da educação infantil ao ensino médio, é de grande importância para a formação e desenvolvimento da docência dos universitários que cursam licenciatura em música.

Durante a realização do estágio, algumas questões chamaram a atenção. Primeiro, quanto à extrema flexibilização das aulas de arte, pois os alunos tinham mais liberdade, para ir ao banheiro, sair para beber água, sentar-se em duplas etc; segundo, a falta de diversidade nos conteúdos dessas aulas, nas quais se desenvolve apenas uma das quatro áreas da arte; e, por último, a maneira como a disciplina é tratada pela maioria dos professores e alunos, como sendo um momento de diversão e relaxamento.

Uma outra questão a ser levada em conta é a de existir um enraizamento cultural e social, onde a música é vista como interessante, mas não fundamental. Se analisarmos e entendermos que os professores a consideram assim, as crianças possivelmente serão levadas a ter o mesmo pensamento.

O reconhecimento dos profissionais da área musical começa quando os mesmos entendem seu valor e importância na sociedade, se unindo e realizando atividades voltadas para uma mudança de realidade, com ações sociais, palestras, seminários focados em propagar para a sociedade o valor que a arte e a música têm nos meios educacionais e sociais..

Após ter realizado a quinta aula, ou seja, metade do período de estágio, reconheci a mudança na qual a turma passou a enxergar a música, podendo ser encontrada nos utensílios mais simples, como uma caixa de fósforo e elementos do seu cotidiano escolar e social. Conhecer grupos, como Barbatuques, que praticam a música de forma profissional, possibilidades de atividades musicais, seja utilizando instrumentos, o corpo de forma percussiva ou a voz, abriu de certa forma, a mente dessas crianças, ressignificando a música em suas vidas, saindo assim da mesmice, da zona de conforto e perdendo a timidez.

Após esse curto período junto a turma, mesmo com os problemas encontrados com a realidade escolar, acredito que a forma como a turma iniciou esse projeto e a forma como saíram, pode ser considerada como positiva, pois mesmo tendo contato com a música em algum momento dos seus dias, essa forma de ver a música foi substituída para uma forma mais musical, apreciativa e formativa.

Referências

BARBA, Fernando; Núcleo Educacional Barbatuques. O corpo do som: experiências do Barbatuques. *Música na Educação Básica*. Brasília: 2013.

BARBATUQUES. *Barbatuques*. Disponível em: <<https://barbatuques.com/>>. Acesso em: 10 abril. 2024.

BARBATUQUES. **Tum Pá 10 anos!**. Youtube, 2023. Disponível em:

<<https://youtube.com/playlist?list=PLmYOxFG665BsEMLDbXInlwxUyZnoJ30Wy&si=bB24K1k3EjrHpR8>>. Acesso em: 10 abril. 2024.

BARBATUQUES. **Que Som?**. Youtube, 2023. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=1e9JAWe_6-o> Acesso em: 18 maio. 2024.

BIANCHI, A. C. M., et al. **Orientações para o Estágio em Licenciatura**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

BRASIL. **Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11769.htm>.

Acesso em: 01 março. 2024.

BRASIL. **Lei nº 13.278, de 2 de maio de 2016**. Altera o § 6º do art. 26 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13278.htm>.

Acesso em: 01 março. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRÉSCIA, Vera Lúcia Pessagno. **Educação musical: bases psicológicas e ação preventiva**. São Paulo: Átomo, 2003.

BRITO, Teca Alencar de. **Música na Educação Infantil: propostas para a formação integral do indivíduo**. São Paulo: Peirópolis, 2003.

COSTA, Valdeney Lima. **Mais tempo na/de escola: Estudo sobre as experiências de ampliação da jornada escolar no município de Russas, Ceará**. Tese de Doutorado.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Rio de Janeiro, RJ, 2011, 1v. 161p.

30 de outubro a 01 de novembro de 2024
Sobral - Ceará | Universidade Federal do Ceará

FIGUEIREDO, Sérgio. *Legislação Educacional e educação musical: possibilidades e desafios para a presença do ensino de música nas escolas de educação básica*. In: 10 anos de Seminário de Pesquisa em Artes [recurso eletrônico]. Eduardo Junio Santos Moura, Maria Amélia Castilho Feitosa Callado e Nelcira Aparecida Durães (organizadores). – Montes Claros: Editora Unimontes, 2021.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. Cortez editora: São Paulo, 1990. Disponível em: <https://www.professorrenato.com/attachments/article/161/Didatica%20Jose-carlos-libaneo_obra.pdf> Acesso em: 01 março. 2024.

PEREZ, Luis. *Luis Perez - Músico & Educador*. Disponível em: <<https://luisperez.com.br/>>. Acesso em: 17 abril. 2024.

PIMENTA, Selma G. & LIMA, Maria Socorro L. *Estágio e Docência*. São Paulo. Cortez Editora. 2004.

PIRES, Nair. *O estágio supervisionado e a construção da profissionalidade docente*. In: 10 anos de Seminário de Pesquisa em Artes [recurso eletrônico]. Eduardo Junio Santos Moura, Maria Amélia Castilho Feitosa Callado e Nelcira Aparecida Durães (organizadores). – Montes Claros: Editora Unimontes, 2021.